

## EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE NAS PROFANAÇÕES DA ESCRITA ACADÊMICA

ELIANA PETER BRAZ<sup>1</sup>; DENISE MARCOS BUSSOLETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas – [braz.eliana@gmail.com](mailto:braz.eliana@gmail.com)

<sup>2</sup>Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas – [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Sou leitora assídua de textos acadêmicos. Por ofício ou por gosto, há muitos anos faço revisões desse tipo de texto. Como revisora ou como leitora diletante, observo muito a forma – às vezes até mais do que o conteúdo – desses textos, e exatamente como descreve Jorge Larrosa, “a maioria das vezes tenho a impressão de que aí funciona uma espécie de língua de ninguém, uma língua neutra e neutralizada da qual se apagou qualquer marca subjetiva [...] essa língua não se dirige a ninguém, [...] constrói um leitor ou um ouvinte totalmente abstrato e impessoal. [...] uma língua que ninguém fala e que ninguém escuta, uma língua sem ninguém dentro” (LARROSA, 2015b, p. 59-60).

Com menos frequência, mas, felizmente, encontro também textos saborosos, em que o autor está presente e conduz o leitor através de algo próximo a uma narrativa, em que argumentos e conceitos vão sendo construídos e desconstruídos e pode-se acompanhar o processo de criação do autor e o que move a pesquisa. Nesses textos, em geral, a certeza não é premissa, o rigor científico está também no reconhecimento das limitações e possibilidades do campo, do objeto em estudo e do próprio autor. Nesses textos a pesquisa acadêmica se faz experiência, no sentido utilizado por Jorge Larrosa: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisa, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2015<sup>a</sup>, p. 18). São essas escritas que me interessam investigar, seus modos de produção, suas implicações e interrelações com a subjetividade de seus autores.

Iniciei meu curso de doutorado este ano, 2016, por isso o que apresento aqui é um trabalho em fase inicial quanto à sistematização do conhecimento que está sendo produzido por/em mim. Trago aqui um pouco da minha experiência de escrita, principalmente no curso de mestrado, mas também a observação de outros que já há algum tempo compartilham comigo seu fazer acadêmico e que, como eu, buscam [e encontram] na universidade um espaço de ampliação de seus modos de vida.

### 2. METODOLOGIA

Faço uma aliança entre *cartografia* e *ensaio* para que se produza nesta escrita uma *experiência*, em que forma e conteúdo possam conduzir o pensamento em devir. Assumo uma escrita ensaística, “que coloca as fronteiras em questão, atravessando a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro” (LARROSA, 2003, p. 116.). Assim como o pesquisador-cartógrafo se coloca em estado de disponibilidade ao acaso, não sabendo, “de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar (AMADOR e GALLI, 2009, s/p.), o ensaísta, “prefere

o caminho sinuoso, o que se adapta aos acidentes do terreno” (LARROSA, 2003, p. 112), onde “todos os graus do mediado são imediatos, até que ele comece sua reflexão” (ADORNO, 2003, p. 28).

Os sujeitos de pesquisa – alguns já “selecionados” pela convivência e mútua interferência e colaboração em trabalhos anteriores e atuais – são estudantes de pós-graduação em ciências humanas que em seus processos de pesquisa utilizam formas não convencionais de escrita acadêmica.

“Que melhor maneira de mapear suas experiências diante da leitura, diante do ato mesmo da escrita, que surgem mesmo ao ler e escrever, do que narrar a rotina, os bastidores da escrita. Não se trata de explicitar a vaidade do sujeito que se coloca no centro de uma confissão, mas de valorizar a prática do texto, de recuperar o como se faz na sua materialidade, para dentro do que se faz, trazer uma cotidianidade a uma atividade que pode facilmente, e tem sido, apagada, tornada abstrata, conceitual” (LOPES, 2002, p. 250-251).

Nesta cartografia são registradas as interlocuções entre escrita, experiência, subjetividade e educação, através do registro e produção de dados concomitantes aos processos de pesquisa e escrita dos sujeitos envolvidos nesta proposta. A produção de dados se dá através do contato e convivência com os sujeitos de pesquisa no espaço acadêmico, mas também em outros locais de convívio social e de formação. A escrita de “resultados e conclusões”, no momento, é fragmentária, composta de anotações em encontros de estudo e em encontros sociais onde o tema da escrita emerge, já que faz parte do momento que vivenciamos – meus colegas/amigos de estudo e eu.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### **Anotação 1 – do encontro**

Nos reencontramos em um grupo de estudo. Há muito não nos falávamos. Abraços calorosos, considerações gerais sobre barba, cabelo e bigode. Seguimos, texto em mãos. Em mãos também um mate e depois um vinho. Distorcemos a leitura, entre o Blanchot e o Merlot, histórias de vida e aflições, tentativas de compreensão do texto, releituras, uma música ou um vídeo que tratava do mesmo tema, proposições metodológicas para manter o foco, proposições para continuar os encontros, reafirmação de que estudar é um grande prazer. Escrever também é, “mas as risadas não entram na escrita, infelizmente”, dizia ele. “Quanto de nós fica fora da escrita...”, continuava. Mais um copo de Blanchot, por favor. Três parágrafos lidos, uma garrafa de vinho e um pacto de colaboração mútua foi o resultado daquele encontro de várias horas. E Gael.

#### **Anotação 2 – das motivações**

Estamos envolvidos no nosso pensar acadêmico, ele faz parte da nossa vida de forma orgânica, estudamos, desejamos esse saber que a instituição universidade e os pensadores e teóricos podem nos propiciar, não para obter um título ou o reconhecimento de uma pretensa intelectualidade. Desejamos esse saber como se deseja uma comida saborosa, porque nos dá prazer; além disso, nos ajuda a pensar a vida, a nossa – individual e coletiva. Porque, sim, “o paraíso são os outros”, precisamos das relações com os outros para podermos ser.

#### **Anotação 3 – Gael**

Gael tem o frescor de quem está chegando na vida. Tem um espírito flandador, um devir criança, me parece que ele mais sente do que racionaliza; quando ele racionaliza sobre aquilo que intuía, se surpreende, e é sempre bonito

de ver. [Sim, me apaixono pelos personagens que crio, me apaixono antes pelas pessoas que os inspiram, me apaixono pelo processo de escrita e tendo, como todo ser apaixonado, a criar Dulcineias onde havia, talvez, simples camponesas feias e desajeitadas. Relevem, poucas coisas na vida se faz com prazer se não houver paixão]. No mestrado, criei o Ângelo, inspirada na Ângela, da Clarice Lispector. Discuto com Ângelo até hoje, ele se fez “condição para o pensamento”, como diziam o Deleuze e o Guattari (1992) referindo-se ao conceito de amigo. Nesse novo tema de pesquisa, o Gael tem se feito mais presente. Ele é uma criança aprendendo a escrever, “um espantado diante de um mundo sempre novo” [é, a Clarice também é condição para o pensamento]. Eu me empolgo com as suas descobertas. Como Ângelo, ele dá voz às falas dos sujeitos de pesquisa, a “produções verbais onde o entrelaçamento das produções locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais” (CERTEAU, 2012, p. 49), pois nessas discussões não importa tanto quem disse o quê, mas as ideias que estão sendo debatidas.

#### **Anotação 4 – da profanação**

Aprendi com Ângelo a profanar a escrita acadêmica. A ideia de profanação vem do Giorgio Agamben e quer dizer “restituir ao uso comum aquilo que o sacrifício havia separado”, “fazer um reuso” (AGAMBEN, 2007, p. 59). Quando falo em profanar a escrita acadêmica quero dizer exatamente isso, tirá-la daquele lugar sagrado, compreensível só para iniciados, separada da vida vivida. Aprender o vocabulário e a gramática de uma teoria pode ser um sacrifício, sim [basta ver a quantidade de livros espalhados sobre a mesa e as abas abertas no computador], mas há algo de poético em ver uma palavra se tornando conceito e o conceito sendo incorporado ao nosso vocabulário cotidiano. E por que não incorporar aos nossos textos a poesia que nos acompanha e que faz parte da nossa formação? Nesse entre-lugar, entre a linguagem científica e a linguagem poética, talvez esteja a autoria. Isso eu aprendi com o Ângelo.

#### **Anotação 5 – sobre o segundo texto de um colega**

E o Gael dança. Não sei se já sabia dançar antes. Quando o encontrei, ele só marchava. Um dois. Um dois. Um dois. Esquerda direita. Esquerda direita. Um dia saiu meio descompassado. Eu vi esses primeiros passos tortos, procurando o ritmo. Um dia achou o ritmo naquele primeiro texto. Dançou lindamente. Agora me manda um tango. Não sei se é tango mesmo, mas é algo novo, com um ritmo marcado e certo. Dança, Gael, dança que nem dançavas no meio daquela rua lá perto das ruínas – é só o que posso dizer. Ele utilizou uma citação do Julio Cortázar para justificar sua forma de escrita. Ele conversa com o Cortázar! Mistura português e espanhol, mistura os tempos verbais, mas tudo tem uma razão de ser naquela escrita. É lindo de ver, é como se estivesse brincando, jogando, dançando. Entendo isso como uma profanação da escrita acadêmica, e penso que esse movimento borra a fronteira do científico e do poético, é como aquela fronteira que a Guacira Lopes fala: “lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto [que] separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos” (LOURO, 2008, p. 19); e ao mesmo tempo é a fronteira do Heidegger, lembrada pelo Bhabha: “o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 2013, p. 20). Entre-lugares. Convergência de afetos, memórias, literatura, saberes institucionalizados ou não, que compõem o fazer acadêmico como potência para ampliação de modos de vida, como experiência.

## **4. CONCLUSÕES**

Os sujeitos desta pesquisa, pelo que tenho observado, e posso dizer que tenho presenciado, trazem – ou pelo menos buscam – a teoria, a linguagem da teoria para o compasso da própria escrita, com cuidado, respeito e rigor. Observo também o receio e a resistência – não completamente sem razão de ser – a assumirem o protagonismo da própria escrita. A forma como cada um vivencia e trata essa questão é distinta, obviamente. Não há modelo, não há normas e orientações que deem conta dos processos de criação e autoria.

Profanar a escrita acadêmica é jogar com a linguagem acadêmica, destituí-la do caráter sagrado e restituí-la ao livre uso e à propriedade de quem a escreve. Isso significa, tal como Agamben (2007) defende em relação à religião e ao capitalismo, que o jogo [com a escrita, defendo eu, jogando com as palavras do autor] libera e desvia o estudante de pós-graduação da esfera da sagrada escrita científica, sem a abolir simplesmente, mas dando-lhe uma nova dimensão: como dispositivo de constituição de subjetividades, de novos modos de relação com a pesquisa.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.W. O ensaio como forma. In: **Notas de Literatura I**. Coleção Espírito Crítico. Rio de Janeiro: Duas Cidades, Editora 34, 2003.
- AGAMBEN, G. Elogio da profanação. In: AGAMBEN, G. **Profanações**. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 58-71.
- AMADOR, F.; FONSECA, T. M. G. **Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa**: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 2009, v. 61, n. 1. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v61n1/v61n1a04.pdf> >. Acesso em: 19dez2013.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução: Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo. Editora 34, 1992.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, J. **Tremores: ensaios sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a. p. 15-34.
- LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 28, p. 101-115. jul-dez2003.
- LARROSA, J. Uma língua para a conversação. In: LARROSA, J. **Tremores: ensaios sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b. p. 57-72.
- LISPECTOR, C. **Um sopro de vida: pulsações**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LOPES, D. Experiência e escritura. In: LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.